

28 set. 1987, Diário do Minho, Braga

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE

REVISTA DE IMPRENSA

Publicação Diário do Minho

Local Braga

Data 28/09/87

Série _____

N.º _____

a **Sociedades conhecem-se pelo modo como tratam os mais idosos e as crianças**

— *disse na Apúlia o Ministro do Trabalho*

O conceito de desenvolvimento está muito para além do fenómeno do crescimento do produto e do aumento da riqueza, pois obriga a atender a outro tipo de problemas que radicam em expressões como justiça social e equidade, disse, ontem, o Ministro do Emprego e Segurança Social.

Siva Peneda falava na cerimónia inaugurativa do Centro Social João Paulo II, que decorreu na Apúlia, e durante a qual também usaram da palavra o Presidente da Direcção do Centro, Luís Folhadela, e a Presidente da Câmara de Esposende, Laurentina Torres.

Aliás, a sessão solene contou com a presença de várias individualidades civis, religiosas e militares, nomeadamente o Presidente do Centro Regional da Segurança Social de Braga, Arcebispo Primaz e Bispo de Dume.

O Ministro do Emprego e Segurança Social na sua alocução apresentou os traços fundamentais que, em sua opinião, devem caracterizar o processo de desenvolvimento do País e delimitou as

competências do Estado na gestão da solidariedade Social.

«Aquilo que distingue as sociedades, disse, é o modo como se trata dos mais idosos e das crianças».

«É na preparação dos homens de amanhã e na forma como se assegura, mais do que a sobrevivência, o bem estar dos mais idosos, que se pode encontrar a marca do calor humano de uma sociedade».

«É também, continuou, mostrando aos mais velhos a atenção que nos merecem os seus problemas que poderemos inculcar nos mais jovens vectores essenciais na sua formação, como seja a solidariedade entre grupos e gerações».

Silva Peneda homenageou, depois os promotores do Centro que, segundo disse, souberam «encontrar uma forma, a seu modo de dizer que a vida não pode ser um

deserto de afecto».

É que, continuou, «quando uma Sociedade quer enfrentar, como é o caso do nosso tempo, enormes desafios de desenvolvimento, cabe lembrar que o processo de desen-

volvimento só será real e autêntico se se prestar cuidados muito especiais aos padrões culturais que justificam a existência de uma comunidade livre e independente».

Padrões culturais que não se confinam ao «fenómeno de crescimento do produto e do aumento da riqueza», mas que reclamam «expressões como justiça social e equidade», e isto, sobretudo, numa época como a nossa em que «a gestão da incerteza é por todo o lado reconhecida como um elemento cada vez mais presente».

Neste âmbito, Silva Peneda apelou para «os valores que são nossos», afirmando que hoje é «condição primeira de modernidade sermos autênticos, o que significa beber nas raízes da nossa história e da nossa cultura as energias que vão possibilitar enfrentar, com determinação e segurança, os

desafios do nosso tempo».

Noutro ponto da sua intervenção, considerou a solidariedade como «pressuposto para se vencer a aposta na valorização e dignifica-

(Continua na pág. 11)

Inauguração do Centro Social João Paulo II

(Continuação da pág. 6)

ção de todos e cada um dos portugueses».

A terminar, apontou o papel do Estado na gestão da solidariedade para que este conserve as suas características essenciais: «dimensão humana e sentido de fraternidade».

«O Estado não pode ser visto como suporte único do progresso social e, muito menos, como agente único de solidariedade social».

«Ao Estado, e especialmente ao Estado democrático, cabe a missão de dar a maior importância à criação de condições para que, na sociedade, se criem compromissos» geradores de iniciativas de que o Centro Social João Paulo II é um exemplo.

OBRA DA IGREJA E PARA A IGREJA

A sessão solene inaugurativa foi entretanto aberta pelo Presidente da Direcção do Centro, Luís Follheda de Oliveira.

Deu as boas vindas aos presentes e, dirigindo-se ao Arcebispo Primaz, disse que o «Centro Social João Paulo II nasceu dentro da Igreja, pela mão da Igreja e é obra da Igreja».

Lembrou a ajuda financeira do Estado (cerca de 25%) e elogiou «o perfeito conhecimento das realidades sócio-económicas da nossa Região que governantes antecessores de Silva Peneda demonstraram possuir».

«Sentir os problemas de uma

Região caracterizada por notórias assimetrias, ser solidário com massas populacionais economicamente débeis, ter vontade de minorar os desequilíbrios existentes» são linhas de acção que definem «verdadeiros estadistas», acrescentou.

Agradeceu ainda a colaboração e auxílio prestado pela Câmara Municipal de Esposende e historiou a génese da instituição, destacando o papel mobilizador do Cônego Melo.

SERVIR O HOMEM

Por sua vez, a Presidente da Câmara de Esposende destacou o «espírito simbólico e pragmático» que presidiu à inauguração do Centro que, disse, tem «como objectivo fundamental o HOMEM em todas as suas dimensões e fases da vida».

«Desde os jovens — pedras fundamentais da sociedade do futuro —, passando pela família — escola da integridade e da educação — até aos idosos, à terceira

idade — ciosos de um passado, mas saudosos dos bons costumes».

Recordou a responsabilidade das autarquias locais na «satisfação das necessidades gerais das populações residentes no seu espaço territorial» e traçou a filosofia de acção do Executivo a que preside no apoio às diferentes instituições.

TRADIÇÃO DA IGREJA NO CAMPO SOCIAL

No final da sessão solene, o Arcebispo Primaz benzeu as instalações e presidiu a uma concelebração eucarística.

Na homilia, fez uma breve reflexão sobre os textos da liturgia da palavra, e referiu-se ao Centro como filho de «um sonho lindo que a muitos parecia de impossível realização».

Para o Prelado, o novo Centro mais não é que a continuação do trabalho da Igreja, ao longo dos séculos, estimulando a «criação de instituições de índole social».

A este propósito, disse que a «Igreja arquidiocesana suscitou e impulsiona mais de 120 instituições sócio-caritativas de que usufruem cerca de 11 mil utentes e com um movimento financeiro ordinário a rondar um milhão de contos, no último ano económico».

A terminar, lembrou o Cardeal Gantin, Prefeito, da Congregação

para os Bispos, que só «motivo muito forte» impediu de presidir à concelebração.

Aliás, segundo disse, o Cardeal «já tinha mesmo a minuta da homilia que desejava proferir na ocasião».

Enviou, porém, para a capela do Centro, uma casula oferecida, a seu pedido, pelo Santo Padre, de entre as usadas por ele no seu oratório privativo.

Seguiu-se um almoço em que participaram os convidados e numerosos cursistas.

Usou da palavra o cónego Melo, Director Espiritual do Movimento dos Cursos de Cristandade e grande animador da iniciativa.

Discurso de circunstância para agradecer a todos a fé que depositaram no projecto e recordar a «generosidade de tantos benfeitores do Centro Social João Paulo II».

Citando Fernando Pessoa — «Deus quer, o homem sonha, a obra nasce» — disse, a concluir, que, «quando se arrisca por Deus, tudo se justifica».

Durante a tarde, o Grupo Infantil dos Sargaceiros da Apúlia animou, com os seus cantares e danças as várias centenas de cursistas que se associaram à festa de inauguração do Centro.

Publicamos amanhã, se Deus quiser, a homilia do sr. Arcebispo Primaz.

CENTRO SOCIAL JOÃO PAULO II

Tendo como divisa «Todo o Homem é meu irmão», o Centro Social João Paulo II é uma Associação Particular de Solidariedade Social que se propõe atingir objectivos diversos, pon-do em prática a Doutrina Social da Igreja.

Trata-se de um empreendi-mento do Movimento dos Cur-

las de leitura equipadas com instalação audio-visual, consul-tório médico, posto de enferma-gem, sala de recuperação para deficientes e parque infantil.

O custo total da obra rondou os 220 mil contos, tendo o Mi-nistério do Emprego e Seguran-ça Social participado com 53 mil.

condições para a realização de outras actividades, como Semi-nários, cursilhos, retiros, coló-qui-os e congressos.

Ao Centro foi atribuído o no-me do actual Pontífice em ho-menagem à visita de João Pau-lo II à Arquidiocese de Braga, em 1982, e por ser o Papa que mais se tem preocupado com o



sos de Cristandade na Arquidio-cese de Braga, cujas Bodas de Prata de implantação pretende assinalar.

O edifício reparte-se por três pavimentos, incluindo 44 quar-tos duplos, com duas camas cada e casa de banho privativa, camarotes com 150 camas, ca-pela e salão polivalente, ambos com capacidade para 300 pes-soas e sala de jantar equipadas para servir 300 refeições simul-tâneas.

Possui ainda salas de conví-vio e gabinetes de reuniões, sa-

O restante deveu-se à genero-sidade dos cursistas e de outras pessoas que partilham o pro-jecto da Acção Social da Igreja.

Está preparado para receber, em regime de colónia de férias, crianças em idade escolar e pré-escolar. Em fins de semana, ao longo de todo o ano, também pode receber população activa e, durante a semana, está apto para acolher reformados.

Dispõe igualmente de carac-terísticas para servir diminuí-dos físicos, para além de ter

ser humano e com os conse-quentes problemas sociais que o rodeiam.

Em projecto estão, entretan-to, um complexo desportivo, parque de campismo, piscinas e uma cantina social que, a pre-ços módicos, sirva refeições a veraneantes de origem humilde.

A abertura da cantina pode-rá já acontecer no próximo ve-rão, uma vez que os Cursos de Cristandade já possuem um ter-reno com 2 500 metros quadra-dos, destinado a esse fim, anun-ciou o Cónego Melo.